

# O Rei dos Cervos de Banyan

#### Budismo Hindu

Em uma de suas encarnações anteriores, Buda encarnou na forma de um cervo em uma floresta perto de Kashi, que mais tarde recebeu o nome de Varanasi ou Benares. Com o passar dos anos, ele se tornou um belo cervo dourado. Seus olhos brilhavam como duas estrelas, sua boca era tão vermelha quanto as bagas da floresta. Seus cascos eram pretos e brilhantes como a noite no deserto de Thar, e todos que o viam diziam que seus chifres eram feitos de prata. Além de bonito, este cervo dourado também era compassivo e justo. Tanto que ele se tornou o rei de uma manada de quinhentos cervos, a Manada dos Banyan.

Na mesma floresta havia outro rebanho de veados que era igualmente numeroso, o rebanho dos chifres, e seu rei era igualmente um nobre, belo e impressionante veado dourado.

Naquela época, Brahmadatta foi coroado rei de Kashi. Brahmadatta era um homem de bom coração, mas tinha gostos lamentáveis. Ele gostava de caçar. Obviamente, um rei não precisava caçar para sobreviver e Brahmadatta caçava por prazer. Além disso, ele amava carne de veado acima de qualquer outro alimento e como você pode imaginar, essa combinação de interesses não era um bom presságio para os rebanhos de veados que viviam na floresta perto de Kashi.

Brahmadatta saía quase todos os dias para caçar, começando cada vez em uma aldeia diferente. O povo das aldeias era, neste dia, obrigado a deixar de lado seu próprio trabalho, a fim de acompanhar e servir o rei e seus grupos de caça.

O povo das aldeias começou a ficar irritado com o número de interrupções no trabalho a que o rei os estava sujeitando. Os fazendeiros não podiam cuidar de seus campos, então as colheitas eram feitas ao acaso e mais tarde do que deveriam. Os mercadores e comerciantes não tinham tempo para cuidar adequadamente de seus negócios. Então, as pessoas de todas as aldeias se reuniram e decidiram construir um grande parque de veados para o rei ao lado de Kashi. Dessa forma, eles pensaram, o rei poderia caçar facilmente a qualquer hora que desejasse e não precisaria recrutar aldeões para ajudá-lo.

Mal dito e feito, os camponeses construíram uma alta paliçada em torno de um grande prado pontilhado por densos bosques de árvores e arbustos e cavaram lagos onde os cervos podiam beber e se banhar. Eles abriram a grande porta da paliçada e, batendo suas varas e bastões para criar um barulho ensurdecedor, expulsaram os cervos da floresta e os levaram para dentro do parque cercado. Quando o último cervo passou, a porta foi fechada.

O representante das aldeias foi visitar o rei e disse:

"Sua Majestade, como é de seu conhecimento, sempre estivemos dispostos a ajudar seus grupos de caça, mas nossos campos e negócios estão cada vez mais negligenciados por causa disso, e temos famílias para alimentar. Sabemos que você é um rei sábio e que, consequentemente, saberá valorizar o que criamos para você. Fizemos para você um belo parque de cervos próximo à cidade, no qual reunimos dois grandes rebanhos para sua diversão. Agora, você pode ir caçar quando quiser, sem precisar recrutar aldeões para cada saída. Nos dias em que você não desejar sair para caçar, ainda poderá comer carne de veado fresca, porque seus próprios cozinheiros poderão matar toda a carne de que precisam.

O rei, que não era um homem mau, entendeu perfeitamente o problema que os camponeses e mercadores das aldeias lhe traziam e concordou com a iniciativa.

No dia seguinte, Brahmadatta foi ao parque e ficou satisfeito em ver tantos cervos perambulando pelo terreno. Não demorou muito para discernir dois veados dourados de estatura impressionante, que ele supôs serem os reis dos rebanhos. Brahmadatta os apontou para seu assistente, o chefe da guarda e seu cozinheiro dando ordem para que aqueles dois cervos não fossem abatidos, sob quaisquer circunstâncias.

Todos os dias, Brahmadatta vinha ao parque e matava um veado, que era levado pelo cozinheiro para preparar iguarias para a mesa do rei. Às vezes, se o rei estava muito ocupado, era o próprio cozinheiro quem ordenava ao chefe da guarda que matasse um veado.

Mas assim que os cervos viam os arcos e flechas, eles entravam em pânico. Corriam de cá para lá, batiam contra árvores ou ficavam presos entre elas, enganchando seus chifres e se ferindo, torcendo as pernas e quebrando ossos com as quedas. Outros ainda eram feridos pelas flechas perdidas.

O rei do Rebanho Banyan ficou triste com todos estes ferimentos, mortes e pânico, então ele foi ver o rei do Rebanho Antlers.

‘É claro que estamos presos aqui, pelo menos por enquanto’, disse o Veado Banyan, ‘podemos ter que enfrentar esta situação infeliz por um tempo. Mas devemos, pelo menos, tentar reduzir o sofrimento de todos tanto quanto possível.'

‘Eu concordo’ disse o Veado Antlers. ‘Eu também estive pensando sobre isso, mas não sei o que podemos fazer.’

‘Bem,’ disse o veado Banyan. ‘Pensei em algo que, embora seja muito difícil de aceitar, poderia pelo menos limitar os danos para ambos os rebanhos. Uma vez que o rei humano só precisa da carne de um veado por dia, sugiro que um de nós possa ser escolhido por sorteio a cada dia, e que o veado deve ir diretamente ao rei Brahmadatta para ser morto, ou para o cepo para ser sacrificado pelo cozinheiro. Um dia escolheríamos um do meu rebanho e, no dia seguinte, um veado do seu. Desta forma, evitaríamos o caos e a corrida louca que causa tantos ferimentos.

‘Eu concordo com sua proposta’ disse o Veado Antlers, e se dirigindo aos cervos de ambos os rebanhos, perguntou: ‘O que vocês acham?

Após algum debate, os membros de ambos os rebanhos foram unânimes em aceitar a proposta do Veado Banyan.

No dia seguinte, quando o rei e seus homens olharam para a paliçada do parque, viram um único veado parado ali. Ele tremia de medo, mas ergueu os chifres com orgulho. O rei fez uma pausa, pensativo. Ele percebeu o que tinha acontecido: os reis de ambos os rebanhos, aqueles magníficos veados de ouro, haviam convencido seus rebanhos a sacrificar um veado por dia, a fim de evitar ferimentos aos demais.

Brahmadatta caiu em profunda tristeza diante da nobreza daqueles animais. Após alguns minutos de reflexão, ele disse aos seus homens:

“Vocês não vão mais caçar os cervos entre os rebanhos. Vocês só vão matar o cervo que é oferecido a nós em sacrifício, todos os dias.

Ele guardou seu arco, desceu da paliçada e cavalgou silenciosamente de volta para seu palácio, absorto em pensamentos tristes. Naquela noite, ele dormiu inquieto e sonhou que um veado brilhante olhava para ele com tristeza quando ele se aproximava.

Assim, por um tempo, um cervo foi escolhido por sorteio, por turnos de cada rebanho e foi enviado para a ceifeira do cozinheiro do rei Kashi. Lesões e ferimentos foram evitados desta forma e, apesar do destino sombrio e da profunda angústia de ver um deles partir a cada dia, os cervos conseguiam viver com alguma tranquilidade.

Apesar de ter melhorado um pouco a situação, o Veado Banyan sentia sua alma alquebrar a cada dia, ao ver um veado deixar o rebanho e caminhar em direção à morte. Dia após dia, ele tentou encorajar os cervos de seu rebanho para que eles não perdessem as esperanças.

‘Tente não pensar além do presente,’ disse ele enquanto o sol iluminava seus olhos brilhantes. ‘Desfrute do ar fresco que respira e da relva confortável que os recebe quando descansam. Deixem-se aquecer pelo sol. Não desistam. Enquanto vivermos, haverá esperança. Vou encontrar uma maneira de sair daqui.'

Um dia, a trágica escolha caiu sobre uma cerva grávida do Rebanho dos Antlers. A corça foi ver seu rei e disse:

‘Estou pronta para assumir meu destino, mas não antes de meu filhote nascer. Entenda-me, por favor,’ ela insistiu, ‘se eu for agora, dois morrerão. Eu não te peço para salvar minha vida. Não estou pedindo por mim, mas pelo meu filho Deixe meu filho nascer e juro que no dia seguinte tomarei meu lugar para o sacrifício.’

Mas o Veado Antlers respondeu com tristeza:

‘A lei é a lei. Não posso mudar as regras agora e, portanto, não posso poupá-la de seu destino. Por favor me entenda. O destino escolheu você, e não pode haver exceções. Você tem que ir.'

Desesperada, a corça foi até o Rei Veado de Banyan. Dobrando as pernas dianteiras, ela se ajoelhou diante dele e implorou que ele fizesse algo. O Veado Banyan a observou silenciosamente, docemente, e meditou nas profundezas de seu coração.

‘Levante-se, irmã,’ disse o rei dos cervos, finalmente. ‘Pela primeira vez, vamos mudar as regras. Não se preocupe. Acalme-se e descanse. Você não vai ser sacrificada. Eu cuidarei de tudo. '

A corça olhou para ele com alívio e gratidão, embora não com alegria, pois ela sabia que, o que quer que o veado Banyan fizesse, algum outro teria que substitui-la.

O Veado Banyan abaixou a cabeça e fechou os olhos. Ele sabia que chegara a hora de se comportar como um verdadeiro rei. Então, ele ergueu a cabeça novamente, seus magníficos chifres de prata delineados contra o céu.

"Minha posição como rei e líder me força a assumir o que ninguém mais pode assumir." Ele pensou consigo mesmo. ‘Eu vou tomar o lugar dela.’

Ele caminhou devagar e com dignidade em direção à porta da paliçada, enquanto os membros de seu rebanho o observavam passar. Eles sabiam o que ele iria fazer. Eles o conheciam bem, ele não permitiria que tal injustiça acontecesse, mesmo que lhe custasse a vida.

Um profundo silêncio desceu sobre o parque quando o Rei Banyan chegou à porta da paliçada. Quando o cozinheiro o viu, disse aos soldados:

'Não dispare! Os dois veados dourados não devem morrer. Isso é o que o rei decretou. '

Ele imediatamente enviou um mensageiro ao rei. Logo depois, Brahmadatta apareceu na paliçada. O rei de Kashi encontrou os olhos do rei dos cervos e percebeu que este era o cervo de seus sonhos.

‘Veado Rei de Banyan’, Brahmadatta disse finalmente, ‘Eu te conheço, pois você tem me visitado em meus sonhos. Por que você está aqui? Eu liberei você deste compromisso, você e o rei do outro rebanho. Por que você se oferece em sacrifício, quando eu não quero sua morte?

Oh, rei dos homens!’ Respondeu o veado Banyan. ‘Hoje o sacrifício caiu para uma corça grávida, que me implorou para fazer algo para libertá-la dessa obrigação, pelo menos até que seu filhote nasça. Mas não pude fazer outra coisa senão tomar o lugar dela. Eu não poderia condenar outro de nosso povo à morte quando a sorte os favoreceu? Eu não poderia forçar a pena de morte a alguém que o destino não havia chamado. Portanto, devo ser eu quem ocupa o lugar dela.’

O Rei Veado de Banyan abaixou a cabeça e engoliu em seco e então ergueu seus magníficos chifres para o céu e disse:

‘Vá em frente, atire suas flechas.’

Os soldados olharam para seu rei, esperando por uma ordem, mas Brahmadatta não conseguia falar. Duas grandes lágrimas rolaram por seu rosto. Como ele pôde ser tão cego, tão insensível aos sentimentos daqueles nobres animais, ele se perguntou. Na verdade, ele tinha vergonha do sofrimento que os humanos causavam a seres tão sensíveis à dor e à angústia da morte quanto eles.

‘Oh, Grande Rei Veado!’ Brahmadatta disse finalmente, ‘Você está certo. Um rei deve assumir a responsabilidade por todos os seus súditos. Nem mesmo entre os seres humanos testemunhei tanta nobreza como você demonstrou hoje, junto com compaixão e generosidade. Eu imploro que você me perdoe por não estar ciente da dor e do sofrimento dos cervos.’

Ele continuou, ‘Você e todos os veados prisioneiros deste parque estão livres para voltar para suas florestas. Você pode pastar onde quiser em minhas terras. Ninguém vai te caçar novamente. Vá e viva em paz. '

‘Senhor, sua bondade me comove’ respondeu o Rei Veado de Banyan. "Mas o que vai acontecer com os outros animais, pássaros e peixes que sofrem assim como nós e você? Você vai caçá-los, agora que nos libertou do sofrimento?

‘Nobre rei,’ Brahmadatta respondeu com lágrimas nos olhos. ‘Eu nunca teria pensado que poderia ver as coisas tão claramente como as vejo agora! Por favor, aceite minha palavra de que, enquanto eles estiverem em meu reino, nenhum animal, pássaro ou peixe será morto pela mão de um homem. ‘

‘Ouça-me, todos os cortesãos e assistentes presentes aqui’ gritou ele. "Decreto que, a partir de hoje, todos os seres em meu reino serão considerados meus súditos. Portanto, eles não devem ser caçados ou mortos. Eu ordeno que você vá em frente e anuncie este decreto em todo o país, '

Brahmadatta, voltou sua atenção para o Rei Banyan. ‘Diga-me, compassivo rei dos cervos, seu coração está em paz comigo agora?’

‘Sim, grande rei Brahmadatta!’ Respondeu o veado dourado. ‘Meu coração está em paz!’

O povo do reino ficou pasmo no início, mas eles cumpriram a ordem real, e os animais não eram mais caçados e massacrados naquelas terras. Desde que o reino passou a depender das colheitas dos campos, os fazendeiros e suas terras passaram a ser mais respeitados.

Já o Rei Veado de Banyan e os dois rebanhos que antes estavam presos no parque, eles voltaram para as profundezas das florestas, onde viveram livres da angústia de terem que se esconder e fugir.

Adaptada por Grian A. Cutanda (2018)

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 

### Comentários

### Essa história pertence aos contos Jãtaka, que fazem parte da literatura sagrada budista. Os Jãtaka são uma coleção de 547 contos que tratam de relatos breves, lendas e fábulas sobre as encarnações de Buda anteriores à sua existência como tal, entre 563 e 483 AC. As histórias Jãtaka datam de 300 AC e. e 400 DC .; isto é, a coleção foi escrita ao longo de sete séculos.

### O Rei dos Veados da história do Banyan é a Jãtaka no. 12, e seu título original é Nigrodhamiga-Jãtaka, embora para esta adaptação eu tenha recorrido principalmente às adaptações de Rafe Martin (1999), Todd Anderson (1995) e K. R. Vidhyaa (2014).

### Fontes

Anderson, T. (1995). King Banyan Deer. In Buddhist Tales for Young & Old (Volume 1), pp. 60-65. Nova Iorque: Buddhist Literature Society Inc. Disponível em: https://www.buddhanet.net/e-learning/e- books/jataka01.zip.

Cowell, E. B. (ed.) (1895). The Jataka or Stories of the Buddha's Former Births, Vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 36-42.

Martin, R. (1999). The banyan deer - A Jataka tale. In The Hungry Tigress: Buddhist Myths, Legends and Jataka Tales, pp. 97-102. Cambridge, MA: Yellow Moon Press.

Vidhyaa, K. R. (2014, November 12). A tale from the Jatakas - The tale of the Banyan Deer. Storybuzz (blog). Disponível em: http://storibuzz.in/a-tale-from-the-jatakas-the-tale-of-the-banyan- deer/.

#### Associado ao texto da Carta da Terra

Princípio 12: Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

#### Outras passagens que esta história ilustra

Princípio 2: Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

Princípio 2b: Assumir que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder implica responsabilidade na promoção do bem comum.

Princípio 15: Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

Princípio 15a: Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos.

Princípio 15b: Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável.

